

# REVISTA MARACANAN

**Dossiê**

## **De Straßburg a Strasbourg: Marc Bloch, Lucien Febvre e o nascimento dos *Annales***

*From Straßburg to Strasbourg: Marc Bloch, Lucien Febvre and the birth of the Annales*


**Jougi Guimarães Yamashita\***  
Secretaria Municipal de Educação  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Recebido em:** 4 set. 2020.  
**Aprovado em:** 16 out. 2020.



---

\* Professor do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense; Mestre e graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [jougihist@gmail.com](mailto:jougihist@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-3686-4500>

 <http://lattes.cnpq.br/4319174736972863>

## Resumo

O objetivo do artigo é o de analisar a relevância da Universidade de Estrasburgo para a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* pela dupla Marc Bloch e Lucien Febvre. Partindo dos recentes debates sobre a História Regional, procuramos estabelecer a relação entre o esforço político de afirmação da Alsácia como região francesa a partir de 1919 (após quase quatro décadas sob domínio alemão) com as possibilidades e os limites enfrentados pelos historiadores para idealizar e levar a cabo o seu célebre empreendimento historiográfico. Apresentamos ainda, a partir das revistas históricas – especificamente a *Revue Historique* e a *Revue de Synthèse* – e da conexão de seus editores com Bloch e Febvre e com a instituição alsaciana, o enredo político e intelectual que orientou a decisão. Parece-nos claro que ocupar cadeiras naquela universidade foi fundamental – para além do encontro entre os dois – para o sucesso da publicação.

**Palavras-chave:** História da Historiografia. Historiografia Contemporânea. *Annales*. Universidade de Estrasburgo.

## Abstract

This article aims to analyze the relevance of the University of Strasbourg for the creation of the magazine *Annales d'Histoire Économique et Sociale* by the duo Marc Bloch and Lucien Febvre. Starting from the recent debates about Regional History, we seek to establish the relationship between the political effort to affirm Alsace as a French region from 1919 (after almost four decades under German rule) with the possibilities and limits lived by the two historians to idealize and lead their famous historiographic enterprise. We also present from the historical magazines – specifically the *Revue Historique* and the *Revue de Synthèse* – and its editors connections with Bloch and Febvre, and with the Alsatian institution, the political and intellectual plots that guided the decision. It seems clear to us that occupying chairs at this university was crucial – in addition to the meeting between the two – for the success of the enterprise.

**Keywords:** History of Historiography. Contemporary Historiography. *Annales*. Strasbourg University.

*Levados pelas tradições desta Alsácia e Lorena, dóceis ao pensamento nacional da Pátria, atentos aos conselhos afetuosos do estrangeiro, seremos a fortaleza que não teme manter as janelas abertas a todas as esferas da vida. Misturaremos a nossa vida com a dessas províncias, com todas as formas desta vida, para seguir ou provocar o seu progresso, e tirar incessantemente do seu gênio voluntário uma juventude indomável. Situados no cruzamento das estradas da Europa Ocidental, seremos o albergue onde os peregrinos do espírito poderão estudar civilizações vivas e mortas, dedicar-se à pesquisa científica, encontrar as ferramentas de que necessitam e encontrar os trabalhadores que ela exige.*

Sébastien Charlety.<sup>1</sup>

*Que, pela segunda vez, nessa cidade de Estrasburgo, sejam recordadas as palavras bíblicas: "Agora, Senhor, pode deixar o teu servo ir em paz", pois os nossos olhos testemunharam os grandes acontecimentos que asseguraram ao mundo o triunfo do Direito e da Justiça, desde que a nossa Alsácia retornou à nossa França, desde que a aurora de uma nova era começa a brilhar sobre a humanidade.*

Christian Pfister.<sup>2</sup>

Os entusiasmados discursos do reitor da "nova" Universidade de Estrasburgo, Sébastien Charlety, e do historiador Christian Pfister, um dos protagonistas da renovação universitária posta em curso após a Grande Guerra,<sup>3</sup> dão a tônica da relevância daquela instituição para a política de reintegração das regiões da Alsácia e Lorena ao território francês em 1919. Em nome de uma tradição que remontaria aos tempos modernos, o tempo recente da ocupação alemã deveria ser deixado de lado. A ambivalência da aposta identitária entre o apego a um passado idílico e a projeção de um auspicioso futuro reforça, em certa medida, o emblemático discurso proferido por Ernest Renan em 1882, ao tratar da mesma região e da sua posição fronteiriça e litigiosa. Em "O que é uma nação?", o escritor procurava reforçar os laços gauleses dos alsacianos, em contraposição aos germânicos, pela "vontade de estar juntos".

---

<sup>1</sup> Inauguration de l'Université de Strasbourg (21-23 novembre 1919). *Revue internationale de l'enseignement*, t. 73, p. 393-422, 1919, p. 397. Disponível em: [https://education.persee.fr/doc/revin\\_1775-6014\\_1919\\_num\\_73\\_1\\_7428](https://education.persee.fr/doc/revin_1775-6014_1919_num_73_1_7428). Acesso em: 26 ago. 2020. Tradução nossa.

<sup>2</sup> *Idem*.

<sup>3</sup> MÜLLER, Bertrand. L'Université de Strasbourg dans l'immédiat après-guerre (1919-1925). *Revue d'histoire des sciences humaines*, n. 33, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rhsh/1132>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Dela advinha o direito e a justiça de tornar-se posse francesa, e o vigor científico poderia ser assim explorado com excelência.<sup>4</sup>

O ambiente europeu era favorável à inovação. Lembremos da fama dos anos 1920, associada a uma forte ebulição cultural e intelectual. Dadas, modernistas e expressionistas compartilhavam o anseio em colocar as referências de então em xeque. Nesse contexto de busca pela novidade, não é exagero inserir a fundação dos *Annales d`Histoire Économique et Sociale (AHES)* por Marc Bloch e Lucien Febvre como importante marco. Acontece que a criação da revista de história e os subsequentes debates sobre os novos rumos da disciplina histórica são indissociáveis da região onde orbitava a dupla de historiadores: foi naquela “recuperada” e pulsante cidade alsaciana que o projeto tomou forma e materialidade. Era o contingente da história abatendo-se sobre a disciplina história, mais uma vez.

Analisar a Alsácia como uma região nos termos discutidos pela historiografia recente é bastante esclarecedor. Se ela aparece como território político-administrativo observável no mapa e na burocracia francesa, ela também é palco de claras disputas identitárias e, portanto, é muito mais do que um espaço imutável. Como nos lembra Durval Muniz de Albuquerque, “região” é conflito, jogo político, espaços de saber provenientes de projetos de domínio e conquista que fizeram parte de sua demarcação e instalação.<sup>5</sup>

E se é na conjunção entre saberes e poderes que se faz uma região, ela só existe se subjetivada. Região é uma elaboração ficcional, mas que é vivida por subjetividades que a reconhecem e discursam em nome dela.<sup>6</sup> Esse esforço foi consciente a partir de 1919 na Alsácia, pelo menos da parte de personagens-chave que ocupavam importantes cargos políticos e administrativos, como os dois mencionados no início desse artigo. Havia uma clara tentativa de (re)criação de uma região francesa a partir da Universidade de Estrasburgo.

No presente artigo, analisaremos as implicações dessa decisão de reforçar a ideia de uma (re)assimilação ao nacional a partir da universidade. Abordaremos a estreita relação que se criou entre essa importante transição política para os alsacianos com a transição historiográfica que se deu com o estabelecimento dos *Annales*, justamente a partir daquele espaço. A fim de atingir tal intento, iremos discutir a importância conferida à instituição pelos metódicos, a partir de editoriais publicados na *Revue Historique*. Em seguida, apresentaremos algumas críticas feitas pela dupla Lucien Febvre e Marc Bloch (ao longo da década de 1920, enquanto professores da Universidade de Estrasburgo) à essa produção então hegemônica para, enfim, refletir brevemente sobre o “clima” que tanto favoreceu o desenvolvimento de suas reflexões sobre história e a organização da revista que mudaria os rumos da historiografia francesa.

<sup>4</sup> RENAN, Ernst. O que é uma nação? In: ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em questão*, Caderno da Pós/Letras UERJ, Rio de Janeiro, n. 19, p. 12-43, 1997.

<sup>5</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados (MS), v. 10, n. 17, p. 55-67, jan.-jun. 2008, p. 58.

<sup>6</sup> RECKZIEGEL, Ana Luiza. História Regional: dimensões teórico-conceituais. *História: debates e tendências*, Passo Fundo (RS), v. 1, n. 1, p. 15-22, jun. 1999, p. 19; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga... *Op. cit.*, p. 60.

## A *Revue Historique*

Finda a Grande Guerra, Charles Bémont e Christian Pfister propuseram, na *Revue Historique*, a reorganização do trabalho científico: “é o primeiro dever que a pátria nos impõe”.<sup>7</sup> No clima de juntar os pedaços de um país que recebeu boa parte dos grandes conflitos, impunha-se uma prestação de contas aos leitores frente às dificuldades de anos tão sombrios. No editorial da primeira edição após a paz, deixariam claras as dificuldades materiais e de pesquisa entre 1914 e 1918. Lacunas documentais não puderam ser evitadas, colaborações foram escassas, tiragens foram reduzidas. Tudo isso para exaltar a regularidade mantida pela publicação no período. Era quase como uma missão de guerra. Se homens de coragem não desanimavam frente aos reveses das trincheiras, por que haveriam de fazê-los os homens de letras em relação aos arames farpados que os afastavam dos arquivos e prensas, tão necessários às suas reflexões? A missão científica não só estava em pé de igualdade em termos de urgência, como viria a dar cabedal à afirmação de legitimidade dos combates:

Apesar de tudo, mantivemo-nos sempre fiéis ao lema escolhido pelo fundador da *Revue Historique*: não dizer nada além da verdade, não ter medo de dizer toda a verdade. Nós sempre fizemos o nosso melhor para expandir e gerir a nossa informação para avaliar de forma justa as intenções e ações de nossos inimigos. Se, mais de uma vez, desbotamos a política tortuosa do governo alemão, foi devido às mentiras que ele forjou para enganar o mundo e seu povo em primeiro lugar, e aos crimes que, seguindo ordens, suas tropas cometeram por terra, mar e ar. Não cedemos à força irracional do preconceito, mas às evidências de fatos comprovados.<sup>8</sup>

Afastar-se das paixões, portanto, só comprovaria a maior delas àquela altura. A ciência histórica dava o aval à necessidade de enfrentar a Alemanha. E na esteira desse movimento universalista da ciência – “em nome da verdade” –, com a particularidade das rivalidades entre os países, a cidade de Estrasburgo aparecia como local estratégico. Região fronteiriça, motivo de todas as disputas recentes entre os dois países, era nela que seriam decididos os resultados finais dessa contenda intelectual. Aos autores, parecia que pesava mais aos alemães o dever de abraçar de uma vez por todas o espírito de colaboração que a história demandava. Enquanto isso, os franceses deveriam manter os olhos abertos, e os membros da *Revue Historique* procuravam se mostrar dispostos a auxiliar nesse fim. Citemos o final do editorial daquela edição, em trecho tão longo quanto necessário para a compreensão dos caminhos do presente artigo:

Eles [os franceses] terão que monitorar com perseverança as tendências e obras de uma Alemanha que se transforma, não sabemos em direção a qual destino,

<sup>7</sup> BÉMONT, Charles; PFISTER, Christian. À nos lecteurs. *Revue Historique*, n. 44, 1919, p. 1. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k182250/f5.image.r=>. Acesso em: 28 jul. 2020. Fundada por Gabriel Monod e Gustave Fagniez em 1886, e tida como o marco da fundação da escola metódica francesa. Cf.: BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas: da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa: Europa-América, 2012.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 2-3. Tradução nossa. O fundador da *Revue Historique*, Gabriel Monod, falecera em 1912.

melhor ou pior. A *Universidade de Estrasburgo, reorganizada, será o posto de observação mais adequado a este fim*, e se necessário o ponto de resistência melhor armado para combater o antigo ou o novo germanismo. Um papel ainda mais nobre lhe é reservado: ela pode e ela deve, *se os alemães se mostrarem dignos*, servir como elo entre dois povos que duas grandes guerras, em meio século, separaram cruelmente; entre duas civilizações que, ao lugar de se completarem, se opõem como se fossem eternamente irreconciliáveis. A esses dois povos, ela servirá antes de mais nada para que melhor se compreendam. Conhecemos mal a Alemanha talvez por conhecermos muito bem alguns de seus aspectos; a Alemanha, por outro lado, esteve bastante enganada sobre quanto valia e podia a França. Uma psicologia mais penetrante, um estudo mais desinteressado, mais científico do passado auxiliará nessa reaproximação que colocará um freio no instinto guerreiro e tornará possível uma liga pacífica entre nações verdadeiramente civilizadas. Esse é o ideal que deve prevalecer *na Universidade, agora francesa e humana, de Estrasburgo*. De sua – pequena – parte, a *Revue Historique* deseja colaborar com esta grande obra. Destarte, um de seus diretores, de origem alsaciana e professor na Sorbonne, solicitou a honra de ensinar história na Universidade alsaciana. Estrasburgo e Paris tornaram-se por assim dizer os dois polos de nossa atividade intelectual, com duas faces voltadas: uma para o germanismo; o outro, para a latinidade. A *Revue* fundada por Gabriel Monod continuará a tradição de seu passado, agora trabalhando em condições menos precárias para construir o futuro.<sup>9</sup>

A paranoia em relação à Alemanha deve-se muito ao fato de o país ter se tornado uma incógnita para os vizinhos. A depender dos passos seguintes, ele seria um grande aliado ou voltaria a tornar-se uma ameaça. Era evidente que acordos de paz – especialmente os que seriam assinados após a Grande Guerra – não bastariam para superar o clima de desconfiança de quase quatro décadas de hostilidades. Aos diretores da *Revue Historique*, o conhecimento mútuo era o que havia faltado no passado, e no presente o que seria uma saída para pôr fim aos mal-entendidos e promover a aliança entre as nações civilizadas. Trata-se, no entanto, de um falso *mea culpa*, pois embora se defenda que um olhar mais atento para o outro lado pudesse ter evitado grandes conflitos – se a história ensina, faltou querer aprender com ela ao observar o território limítrofe –, não deixa de reforçar a noção de que foi a Alemanha a nação agressora e, portanto, principal responsável por todos os problemas entre os países.

Sobre isso, nota-se a importância conferida à Universidade de Estrasburgo. Encarada como um dos pilares para a efetiva retomada da região pelos franceses, a atuação de seus profissionais deveria ser exemplar, a fim de restabelecer os laços alsacianos com a França. O processo foi o mesmo promovido pelos alemães após assimilarem o território em razão da vitória na guerra franco-prussiana. Por conta dos conflitos, a universidade havia sido destruída e reerguida com o capital e a arquitetura alemães. Quando da retomada da administração francesa sobre o território, alunos e professores alemães foram excluídos da instituição, que cumpriria, segundo Bertrand Müller, uma tripla função identitária: seria um “antimodelo” francês da experiência alemã e um laboratório para a reforma universitária na França; um modelo renano face ao alemão, mas com claras pretensões de internacionalização; e um

<sup>9</sup> BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas... Op. cit.*, p. 3-4. Grifos nossos; Tradução nossa.

instrumento de afrancesamento da Alsácia. A universidade pretendia projetar-se, simultaneamente, como alsaciana, francesa e internacional.<sup>10</sup>

No entanto, sempre com os olhos voltados para o mundo germânico: “nos anos 1920, a Universidade de Estrasburgo não deixou de ser um lugar de confronto e observação dos dois lados do Reno”.<sup>11</sup> Era sempre a partir de uma comparação obsessiva que a política universitária parecia orbitar. Quando Henri Pirenne diz ser necessário “desaprender da Alemanha”,<sup>12</sup> podemos denotar que o ressentimento em relação aos alemães era bastante influente.

Interessa-nos também notar o nível de engajamento encarnado pelos diretores visando ajudar a pátria mãe. Faziam questão de marcar que um representante da *Revue Historique* estaria presente nesse momento tão importante. Segundo o discurso, Christian Pfister seria o voluntário para essa missão. Um dos primeiros professores convidados a assumir uma cadeira de história na nova Universidade de Estrasburgo, ele seria nomeado reitor em 1921. A ele, o triunfo da Universidade era fundamental, entre outras razões, por ser um símbolo de uma “conquista moral” sobre o inimigo histórico.<sup>13</sup>

Do trecho citado, porém, o que mais nos importa é a sua sentença final. A tradição que reclamam a manutenção foi aquela que os *Annales* tentariam quebrar anos mais tarde. Haveria ainda espaço para a escrita da história com caráter cívico e nacional? Se a guerra foi um divisor de águas em todo o contexto europeu, para a historiografia ela também agiu assim, de certa maneira. Onde os metódicos viram a necessidade de reafirmar suas bases e espaços de atuação, Febvre e Bloch encontraram as brechas para a sua iniciativa. Vale lembrar que na mesma Universidade de Estrasburgo, os dois se conheceram e deram início ao projeto da revista. A instituição, portanto, funcionaria ao longo da década de 1920 como uma espécie de microcosmo da historiografia francesa, entre continuidades e renovações.

## Lucien Febvre, Marc Bloch e a Universidade de Estrasburgo

Um primeiro movimento nesse sentido partiu de Lucien Febvre. Já em sua aula inaugural na Universidade, responde de certa forma a essa postura dos metódicos. “*L’histoire dans le monde en ruines*” possui o mesmo objetivo de promover um balanço historiográfico e

---

<sup>10</sup> MÜLLER, Bertrand. L’Université de Strasbourg... *Op. cit.*, s./p.

<sup>11</sup> *Ibidem*, s./p.

<sup>12</sup> Cf.: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; TORRES Andréa Reis Ferreira. “Do método comparativo em história”, de Henri Pirenne. *História da historiografia International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 8, n. 17, p. 297-307, 2015.

<sup>13</sup> MÜLLER, Bertrand. L’Université de Strasbourg... *Op. cit.*, s./p.

uma projeção para o futuro que o editorial de Pfister e Bémont.<sup>14</sup> No entanto, posta-se ao lado do periódico adversário e menos expressivo, a *Revue de Synthèse Historique* de Henri Berr.<sup>15</sup>

Esta foi a aula/texto que consagrou uma de suas sentenças mais famosas: “a história que presta serviço é uma história serva”.<sup>16</sup> O apelo era pela liberdade da história das amarras nacionalistas:

Professores da Universidade Francesa de Estrasburgo, não somos os missionários civis de um evangelho nacional, por mais belo, mais grandioso e mais bem-intencionado que ele possa parecer. [...] Não trazemos a verdade cativa em nossas bagagens. Nós a buscamos, Nós a buscaremos até o nosso último dia. Ensinaremos a procurá-la depois de nós, com a mesma angústia sagrada, aqueles que vierem a frequentar a nossa escola. Vesti-la à moda de um país, ao gosto de uma época, ao sabor de nossas paixões?<sup>17</sup>

O verdadeiro espírito científico, acreditava, haveria de vencer e possibilitaria um amplo desenvolvimento dos estudos históricos. Ao longo de seu discurso, lança oposições que podem ser lidas como um ensaio para o que seria defendido quase uma década depois, com a fundação do periódico com Marc Bloch. Oposições essas que, no entanto, também muito se assemelham ainda ao momento “pré-*Annales*” de crítica aos metódicos. Até ali, dizia, os homens tinham para a história o horizonte ao alcance, “mas apenas escavavam o chão aos seus pés”.<sup>18</sup> Oponha uma história tradicional à síntese histórica, declarando com isso uma continuidade do *métier* com o contexto anterior à guerra.<sup>19</sup>

Ao tom cientificista subjazia a questão da responsabilidade do historiador para com a disciplina. Evitando o particular e na busca por leis que regessem a dinâmica histórica, o profissional atingiria a tão almejada isenção. A história, enfim, era para ele – naquele momento – a ciência do desenvolvimento dos homens, estes condicionados pelo seu agrupamento em sociedade. Nesse ponto, aproximava-se bastante do que Simiand defendia na primeira década do século. O que diferia os dois era que Febvre fazia questão de reforçar que esses elementos são o que a disciplina apresenta de ideal, porém, algo quase inalcançável. Daí a necessidade de ação constante por parte do historiador-cientista, sempre em busca dessas leis gerais. Se os *Annales* apostaram no econômico e no social, essa demanda soa como um significativo ponto de partida.

<sup>14</sup> A aula foi posteriormente publicada como: FEBVRE, Lucien. L’Histoire dans le monde em ruines. *Revue de Synthèse Historique*, t. 30, p. 1-15, 1920. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire\\_dans\\_le\\_monde\\_en\\_ruines#](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire_dans_le_monde_en_ruines#). Acesso em: 12 ago. 2020.

<sup>15</sup> A publicação entrara em hiato em 1914 – e mesmo antes da eclosão do conflito mundial já contaria com certa irregularidade no cronograma de publicação –, só retornando em 1919.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 2-3. Tradução nossa.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>19</sup> Cf.: MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et Henri Berr: de la synthèse à l’histoire-problème. In: BIARD, Agnès (Org.). *Henri Berr et la culture du XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Albin Michel, 1997, p. 39-59.



Sua reflexão, marcada no discurso, apoiava-se sobretudo em questões relativas à prática do historiador, muito mais do que à teoria.<sup>20</sup> Era um lembrete de todo o percurso e rigor metodológico que garantiria a grandeza da pesquisa, mas que parecia deixada de lado havia algum tempo.

Todo esse peso conferido à cientificidade recaía sobre o próprio Febvre. Está presente no texto a noção, bastante comum à época, de julgar a Grande Guerra como uma “falha de previsão” intelectual, bem como um sentimento de crise do conhecimento.<sup>21</sup> Com os horrores do conflito, as seguranças intelectuais pareceram fugir aos olhos dos eruditos. E a partir das discussões sobre a relatividade, proveniente das contribuições de Einstein, sua ausência seria ainda mais sentida. A atmosfera de falência e incerteza das ciências criava o momento ideal para uma reorganização.

A admiração de Febvre por Berr é bastante conhecida. Aqui vale mencionar que o discurso servia não apenas como uma declaração de apoio ao empreendimento por uma síntese histórica, mas era quase um apelo para que o colega não abandonasse o posto de voz dissonante a uma determinada historiografia hegemônica após tantos reveses. Isso fica bastante evidente nas epístolas que trocaram à época.<sup>22</sup> Febvre confiava muito no potencial da *Revue de Synthèse Historique* em ser o baluarte de uma renovação historiográfica.

Inúmeras vezes, sugeriu um tratamento mais cuidadoso para as questões do ofício: “acredito cada vez mais que nenhuma tarefa se impõe mais imperiosamente do que aquela de organizar o trabalho. Eu lhe suplico: não desista dessa tarefa na revista”.<sup>23</sup> Para ele, urgia estabelecer os meios pelos quais a história deveria ser escrita. A sugestão para lidar com o fardo é, no mínimo, curiosa, se pensarmos nove anos à frente. Febvre acreditava que a *Revue de Synthèse Historique* deveria seguir os moldes de organização do conhecimento e especialização... da *Année Sociologique*, que havia cessado suas atividades em 1909, já após um hiato de dois anos.<sup>24</sup> Justamente a interação que movimentaria os *Annales* em sua criação.

Berr responderia ao apelo em editorial de 1920, mas a *Revue* nunca chegou a assumir esse papel de protagonista que almejava. Para Lucien Febvre, muito disso se devia ao próprio Berr, a quem faltaria maior firmeza e proatividade. Ao longo dos anos, foi desenvolvendo a noção de que tinha que assumir a responsabilidade, se quisesse ver a disciplina fluindo como deveria.

No fim de 1921, junto a Marc Bloch, endereçava ao prestigiado Henri Pirenne, historiador belga, medievalista, de quem ambos seriam grandes parceiros, um pedido para que os dois dirigissem uma nova revista internacional de história, concentrada no econômico e

<sup>20</sup> MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et... *Op. cit.*, p. 46.

<sup>21</sup> DÉLACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As Correntes Históricas na França: século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012, p. 140.

<sup>22</sup> MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et... *Op. cit.*, p. 45.

<sup>23</sup> Carta de 5 de abril de 1919, de Lucien Febvre a Henri Berr. *Ibidem*, p. 46.

<sup>24</sup> A revista seria publicada novamente em 1923 e 1924. Novamente um *gap* e o retorno, sob o nome *Annales sociologiques* (já mencionado em outra nota) entre 1934 e 1942. A partir desse ano, retomou o nome original, até a presente data.

social.<sup>25</sup> A ambição era a de substituir a revista de história econômica alemã *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte*, que servia como um fórum de debates internacionais.<sup>26</sup> Apesar das negociações chegarem a um esboço de primeira edição a ser lançada no ano de 1923, o projeto não foi adiante neste primeiro momento. Porém, foi o passo fundamental para o surgimento dos *Annales*. Bloch e Febvre adquiriram contatos que seriam os primeiros colaboradores da revista, e esboçaram ali as matrizes intelectuais que consagrariam o projeto futuro.

Febvre manteve-se esperançoso no projeto de Berr até mesmo depois da fundação dos *Annales*. Não é difícil perceber que, dividido, encontrava dificuldades em conciliar as colaborações que os dois periódicos exigiam. Tentava separar tematicamente cada um dos projetos, a fim de que não entrassem em conflito. Sugeria, por exemplo, trabalhar na revista que dirigia temas ligados à geografia, enquanto a história das ideias seria assunto para a outra. Ele conseguiu levar essa situação até 1934 (ano em que entrou para o *Collège de France*), quando finalmente rompeu intelectualmente com Berr.<sup>27</sup> Ainda assim, a amizade entre os dois sempre foi declarada, e o malsucedido propalador da síntese histórica foi recorrentemente homenageado nos *Annales*.<sup>28</sup> Apesar dos resultados terem sido distintos, a dívida intelectual sempre fora reconhecida.

Marc Bloch, além de publicar algumas resenhas e artigos na *Revue de Synthèse Historique* desde 1920, também manteve relações profissionais com Henri Berr mais intensas, muito pelo intermédio de Lucien Febvre que, inclusive, recomendava efusivamente que ele colaborasse na organização de pelo menos dois volumes da revista:

Acredito já ter comentado sobre a estima intelectual que tenho por ele. Seu último livro sobre os reis taumaturgos é verdadeiramente um livro de primeira linha, de um talento e uma amplitude tal que, no mundo dos medievalistas, não conheço ninguém que tenha (de longe!) essa envergadura.<sup>29</sup>

Berr aceitaria a indicação, e ambos trabalhariam juntos nas edições da revista, o que foi motivo de alguns entressabores entre os dois. Marc Bloch propunha divisões temáticas e cronológicas que não o agradavam. O número de volumes era outro ponto de discussão. O dossiê, que se chamaria "O desenvolvimento econômico: vida rural, vida urbana", poderia

<sup>25</sup> Pirenne foi o único historiador estrangeiro a publicar de forma recorrente nos *Annales*. Além disto, atuava como um consultor dos rumos da revista.

<sup>26</sup> MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et... *Op. cit.*, p. 48.

<sup>27</sup> Chegou mesmo a demonstrar irritação pessoal com a figura de Berr. Em carta a Bloch datada de 8 de julho de 1934, comentava: "Encontrei com Berr em casa ontem à noite. Ele me irrita, me enerva, cada vez mais obtuso, limitado, incompreensível – e uma espécie de messianismo presunçoso brilha em seus olhos, e o impede de observar a realidade". BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance*. Tome 3<sup>er</sup>: De Strasbourg a Paris: 1934-1937. Paris: Fayard, 1997, p. 116.

<sup>28</sup> FEBVRE, Lucien. Da la revue de Synthèse aux Annales. Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l'histoire. *Annales – économies, sociétés, civilisations*, v. 7, n. 3, p. 289-292, 1952. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1952\\_num\\_7\\_3\\_2076](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1952_num_7_3_2076). Acesso em: 14 jul. 2020.

<sup>29</sup> A carta não é datada, mas certamente fora escrita no ano de 1924, não apenas por conta da publicação de *Les Rois Thaumatogues*, mas pelo cotejo entre a indicação e correspondências trocadas entre Bloch e Berr em agosto daquele ano. BLOCH, Marc. *Écrire La Société Féodale*. Lettres à Henri Berr, 1924-1943. Paris: Institut Mémoires de l'édition contemporaine, 1992, p. 18. Tradução nossa.

contar com um, dois, ou até três volumes. Chegar a um consenso era processo tortuoso, especialmente para dois indivíduos que até então tiveram pouco contato entre si. “Colaboradores são indivíduos bem desagradáveis, não é?”,<sup>30</sup> escrevia Bloch a Berr, como um pedido de desculpas pela constante discordância entre eles.

Eles trabalhariam juntos, no entanto, em outras ocasiões. *La société féodale*, inclusive, fora publicada na coleção *L'Évolution Humaine*, dirigida por Berr (os dois volumes que compõem a obra de Bloch são os tomos 34 e 34bis da antologia). O contrato pelos direitos da obra, inclusive, era assinado e tinha como beneficiário Henri Berr.<sup>31</sup> Apenas mais tarde a situação jurídica dos direitos da obra seria regularizada.

Até o fim, a relação entre os dois parece ter sido a de um respeito mútuo, porém sem grandes laços de amizade. Nas cartas, sempre se referiu a Berr como “*Cher Monsieur*”, a saudação inicial que era a regra à época – não o tratava a partir de referenciais que denotassem maior intimidade. Apenas em uma epístola escrita em 11 de fevereiro de 1943, Bloch parece transcender brevemente essa relação profissional e demonstra um pouco mais de afetividade. Na aparente despedida, carta escrita em razão do aniversário de 80 anos do colega,<sup>32</sup> escrevia:

Gostaria de estar aí para dizer-lhe o que tantos de nós sentimos e que eu sinto, acredito, com uma força particular: tudo o que devemos, como historiadores que buscam praticar a verdadeira história, à sua ampla visão, à sua perspicácia, à sua audácia; tudo aquilo que devo, pessoalmente, à sua amizade [...]. Sua ação foi tão frutífera porque sempre foi, antes de tudo, cordial e generosamente humana. Mas não estou aí. Culpa do destino. Meus pensamentos, ao menos, estão contigo, com uma respeitosa simpatia ao belo exemplo de coragem que você nos deu nesses trágicos dias.<sup>33</sup>

Mais do que amizade, ficava o registro da admiração pela coragem na luta pela história e pela transposição dela na própria vida em tempos de guerra. Bloch reconhecia, ao menos naquele momento, um “irmão de armas e penas”. Como acabamos de mencionar em relação a Febvre, a dívida intelectual nunca deixou de ser reconhecida.

Para além da contribuição com Berr, Marc Bloch teve uma produção bastante profícua ao longo da década de 1920. Fixado em Estrasburgo na cadeira de História Medieval (e vizinho de Febvre, ocupante da cadeira de História Moderna), defendeu sua tese *Rois et Serfs* (aliás, muito bem recebida)<sup>34</sup> e publicou *Les Rois Thaumaturgues*, entre outros artigos e resenhas em

<sup>30</sup> Carta de Bloch a Berr, 12 de agosto de 1924. BLOCH, Marc. *Écrire La Société Féodale... Op. cit.*, p. 37.

<sup>31</sup> Pelos 5.000 primeiros exemplares, 10%; dos 5.000 aos 10.000, 11%; e, finalmente, 12% a partir dos 10.000. *Ibidem*, p. 23.

<sup>32</sup> É a última carta de Bloch a Berr que se tem registro. O aniversário de fato, ocorrera em 31 de janeiro daquele ano. Lucien Febvre havia feito uma festa surpresa ao amigo no início de fevereiro, em que Bloch não pudera estar presente em razão dos eventos da guerra (a esta altura, ele já havia entrado na clandestinidade).

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 23. Por “exemplo de coragem”, Bloch se refere à recusa de Berr em usar a estrela amarela para poder circular nas ruas de Paris, bem como na sua insistência em seguir publicando livros e artigos com o seu nome original, enfrentando o estatuto dos judeus quando da Ocupação nazista na França.

<sup>34</sup> Ver, por exemplo, as resenhas de Henri Sée e de Ganshof François-Louis: SÉE, Henri. Marc Bloch. *Rois et serfs [compte-rendu]. Annales de Bretagne*, v. 35, n. 2, p. 316-319, 1921. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/abpo\\_0003-391x\\_1921\\_num\\_35\\_2\\_4267\\_t1\\_0316\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/abpo_0003-391x_1921_num_35_2_4267_t1_0316_0000_3). Acesso em: 19

revistas da área. Gradualmente, ia fazendo o seu nome ser notado em meios acadêmicos. A cidade alsaciana traria ares relativamente agradáveis às suas aspirações.

A experiência militar foi de grande valia ao historiador em seu ofício. Sabe-se que de sua experiência no campo de batalha veio a preocupação, na pesquisa histórica, em analisar indícios materiais, elementos corporais e físicos e práticas, construindo bases para a consolidação da *observação do presente* na ciência histórica.<sup>35</sup> O gestual do campesinato nas trincheiras era similar ao daqueles desesperados pela cura real no medievo, visto em representações como pinturas e afrescos. A divulgação de notícias falsas entre bombas e metralhadoras e o seu impacto no cotidiano de guerra mostravam a atenção que se deveria dar ao erro histórico, proposital ou não nas fontes.<sup>36</sup> A psicologia social e as representações coletivas como caminhos de análise histórica tomavam o seu espírito e aumentavam a sua certeza de que a disciplina precisava seguir novos caminhos.

Contribuía para isso o momento da história disciplinar. O processo de profissionalização, iniciado no século XIX, colhia frutos maduros. Ela ganhava em autonomia, ao instaurar em 1921 licenciatura própria, por exemplo. Finalmente, historiadores formavam e recrutavam novos profissionais. É claro que a passos curtos. Lembremos, por exemplo, que Bloch e Febvre ocupavam cadeiras na Faculdade de Letras de Estrasburgo – como era de costume à época entre historiadores na França. Mas era um movimento inexorável de emancipação. Historiadores criavam e ocupavam seus espaços, enquanto também assumiam a direção de algumas instituições importantes.<sup>37</sup>

A atmosfera favorável, no entanto, encontraria suas barreiras. O período entreguerras ficou marcado por uma forte contração do mercado acadêmico, com uma acentuada diminuição de concursos e contratações universitárias. A falta de postos aticava rivalidades e reforçava atitudes conservadoras. O corpo de historiadores estabelecido após a Grande Guerra envelheceria estável e só na década de 1930 se aposentaria e abriria espaço para uma nova geração.<sup>38</sup> Nesse sentido, os parceiros deram sorte de serem nomeados para uma

---

jul. 2020; FRANÇOIS-LOUIS, Ganshof. Marc Bloch. Rois et Serfs. Un chapitre d'histoire capétienne. [compte-rendu]. *Revue belge de Philologie et Histoire*, v. 1, n. 4, p. 758-763, 1922. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rbph\\_0035-0818\\_1922\\_num\\_1\\_4\\_6206\\_t1\\_0758\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1922_num_1_4_6206_t1_0758_0000_3). Acesso em: 19 jul. 2020. O tratamento das fontes, a erudição e a abordagem inovadora são destacadas em ambas as críticas.

<sup>35</sup> O impacto da guerra para a visão que Lucien Febvre tinha do ofício do historiador deixou menos vestígios. Primeiro, porque ele não produziu (ao menos, não conservou) um diário como Bloch. Tampouco se referiu a ela em artigos acadêmicos. Sabe-se, no entanto, que ele também foi profundamente marcado pelo evento. Bertrand Müller comenta que ele tinha o sentimento de ter escapado com vida pura e simplesmente por conta da sorte, quase um milagre. Assim como Bloch, ele poderia ser oficialmente desligado das obrigações militares, mas optou por não o fazer. Só não vestiu o uniforme na Segunda Guerra por conta da idade. MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et... *Op. cit.*, p. 43.

<sup>36</sup> Cf.: BLOCH, Marc. *Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre*. Paris: Allia, 2007.

<sup>37</sup> A título de exemplo, além do próprio Christian Pfister, já mencionado aqui como reitor da Universidade de Estrasburgo a partir de 1921, instituições como Académie des Inscriptions et Bèlles Lettres, Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Comité Français des Sciences Humaine contavam com historiadores como diretores. Cf.: DÉLACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As Correntes Históricas na... Op. cit.*, p. 142.

<sup>38</sup> *Idem.*

universidade distante de Paris, mas ainda assim central, pelos motivos políticos aqui já salientados. O infortúnio, entretanto, estava em outra esfera: a produção editorial histórica fora bastante reduzida. Nada bom para quem almejava criar uma nova revista com novas ideias.

É nesse sentido que se insere o ativismo de Marc Bloch em nome de uma renovação no ensino de história, outro elemento que faria a sua notoriedade nos anos seguintes.<sup>39</sup> Em 1921, denunciava no *Bulletin de la Société des Professeurs d'Histoire et Géographie* a supressão, ocorrida desde 1902, dos estudos sobre Idade Média e a ausência total de temas relativos à Ásia, à África e a outros países europeus dos programas de ensino secundário. O argumento a favor dos estudos medievais carrega a máxima que talvez seja a que mais repetiu ao longo de sua carreira, e que seria desenvolvida mais tarde a partir da noção de história-problema:

A história é, sobretudo, a explicação do presente pelo passado. Ao suprimir, pelo menos no segundo ciclo, o estudo da Idade Média; ao encurtar em excesso o estudo dos séculos XVI e XVII, os programas de 1902 tendem a apresentar a Europa contemporânea como uma criação *ex nihilo* que em nada se conecta com aquilo que a precede. Isto é, nada explica.<sup>40</sup>

Desde seus primeiros passos, portanto, buscava estabelecer essa relação direta entre as esferas temporais. Já vimos que suas reflexões sobre o passado estavam diretamente relacionadas ao presente; e ele acreditava que esse movimento deveria ser o de toda a disciplina. Uma história que trabalhasse o tempo como algo estanque seria, no limite, a-histórica.

Isso fica ainda mais claro quando Bloch comenta sobre a necessidade do estudo de sociedades extra-europeias. Argumentava que seria um ganho fundamental para a preparação dos alunos para a vida política. Conhecer a diversidade humana era uma lição imprescindível. Aqui, outra máxima de sua reflexão teórica vem à tona: a história é a ciência da *mudança*.

Ao nosso lado, na Ásia, África, na própria Europa, vivem outros grandes agrupamentos humanos de tipos bem diferentes. A tais sociedades, ninguém prepara nosso aluno a compreender e nem mesmo (e isso é ainda mais grave) a percebê-las diferentes de nós. Porque o ensino histórico que ele recebe, ainda mais o de épocas que lhes são próximas, nada fizeram para dar-lhe o senso do diferente e, ousado dizer, do exotismo histórico. Esse senso bem próprio à história poderia ser entregue a ele, sob a condição de exibirmos diante de seus olhos um espetáculo bastante variável. *A história é essencialmente o conhecimento de uma mudança*; essa é uma das razões de seu valor pedagógico. A compreensão das diferenças no tempo – mais imediatamente sensíveis para nós, pois concernem a povos que nos rodeiam de perto – serve para conduzir os espíritos

<sup>39</sup> Em 1937, Bloch e Febvre denunciariam o despotismo dos concursos para a *agrégation*. O problema da educação sempre foi importante para a dupla. BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. Le Problème de L'Agrégation. *Annales d'histoire économique et sociale*, t. 9, n. 44, p. 115-129, 1937.

<sup>40</sup> BLOCH, Marc. Sur les programmes d'histoire dans l'enseignement secondaire. *Bulletin de la Société des professeurs d'histoire et de géographie de l'enseignement public*, 11<sup>er</sup> anée, n. 25, p. 15-17, janvier 1921, p. 16. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5514004c/f1.image.r=marc%20bloch>. Acesso em: 22 ago. 2015. Tradução nossa.

à percepção das diferenças no espaço. Descrever as civilizações antigas ou medievais é abrir os olhos da criança à variedade do mundo.<sup>41</sup>

Percebe-se, então, o engajamento da dupla em função dos rumos da história desde que se conheceram em Estrasburgo. Se a situação não era favorável a novos empreendimentos acadêmicos no início da década de 1920, a ideia de mudança e a parceria entre os dois ia se firmando ao longo dos anos, até que conseguissem reunir, em 1928, as condições para trazer à luz o projeto mais ambicioso de suas trajetórias como historiadores.

Projeto, vale dizer, que não pode ser enxergado como uma “escola”, tal qual os metódicos. Ao menos não no momento de Bloch e Febvre. Se havia essa ambição de trazer à tona uma nova forma de escrever a história, nos primeiros anos em que codirigiram os *Annales* o projeto era outro: consolidar a revista incipiente. Nenhum dos dois, até a metade da década de 1930, estava postado no topo daquilo que seria o auge da carreira de um historiador – mesmo que não sejam tão “marginais” como alguns esforços de memória levam a crer –, e por isso não ditavam o ritmo da produção e do ensino de história. Contra a *escola* metódica, então, viria o “movimento dos *Annales*”.

## O clima de Estrasburgo

Essa postura crítica e combativa adotada por Bloch e Febvre conjuga-se a um tempo e a um espaço específicos. Nesse sentido, ainda nos cabe dedicar algumas linhas à importância da instituição renana nessa dinâmica histórica. Se anteriormente mencionamos que ela aparecia como um espelho convexo das batalhas historiográficas entre tradição e renovação, a partir da convivência entre Pfister com Febvre e Bloch, não se pode negligenciar o fator mais decisivo para a associação do local com a iniciativa dos dois historiadores: o “clima de Estrasburgo”.<sup>42</sup>

Já dissemos que houve uma relação inexorável entre a cidade e a revista. Se vimos que havia uma inquietude de espírito nos dois em relação à escrita da história, também observamos que a instituição na qual ambos se estabeleceram receberia grande frescor com a renovação quase integral de seu corpo de funcionários e com a chegada de um novo aporte financeiro e estruturação advindos da recuperação da região pela França. A Universidade de Estrasburgo contava com uma autonomia financeira ímpar naquele contexto francês, por aceitar aporte privado – e consegui-lo através de contribuições de peso como as da condessa Arconati-Visconti, os irmãos Michelin e a Fundação Rockefeller, além de uma autonomia intelectual igualmente potente<sup>43</sup> – com a criação de institutos, incomuns no sistema

<sup>41</sup> BLOCH, Marc. Sur les programmes d’histoire... *Op. cit.*, p. 17. Tradução nossa.

<sup>42</sup> CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges. *Au berceau des "Annales"*. Le milieu strasbourgeois. L’Histoire en France au début du XX<sup>e</sup> siècle. Toulouse: Presses de l’Institut d’études politiques de Toulouse, 1983.

<sup>43</sup> MÜLLER, Bertrand. L’Université de Strasbourg... *Op. cit.*, s./p., nota 46.

universitário francês e que favoreciam a pesquisa. Soma-se a isso uma remuneração aos docentes maior do que a de outras universidades de província (e bastante próxima da dos professores parisienses) e tem-se aí uma fórmula bastante favorável, que soma vontade de mudança com condições materiais.

Não foram só Bloch e Febvre que chegaram aos novos limites do país levados pelo espírito de pensar suas ciências justamente a partir de suas fronteiras. Havia toda uma atmosfera de colaboração, originalidade, autonomia e interdisciplinaridade que entusiasmava os profissionais recém-chegados. Rapidamente, intelectuais ligados às humanidades estabeleceram importantes laços intelectuais e de amizade, que viriam a se provar bastante frutíferos a diversos campos do conhecimento na França.

Nomes como os do geógrafo Henri Baulig, o psicólogo Charles Blondel, os sociólogos Maurice Halbwachs e Gabriel Le Bras, além dos historiadores André Pignaniol, Charles-Edmon Perrin, Georges Pariset e Georges Lefebvre se juntavam a Bloch e Febvre entre cafés, bibliotecas, colóquios e salas de reunião e dariam corpo a uma "geração" que substituiria aquela anterior à Grande Guerra.<sup>44</sup>

Esses nomes promoveram, a partir de 1920, as "reuniões de sábado", nas quais procuravam promover debates que ultrapassassem as barreiras da especialidade de cada um.<sup>45</sup> O que contava era a colaboração e o fluxo de ideias. Anos mais tarde, Febvre recordaria que o início de sua amizade com Marc Bloch estava diretamente relacionado aos encontros desse grupo:

A primeira vez que nos encontramos em Estrasburgo foi, creio, em outubro de 1920, em uma dessas reuniões do corpo docente que deveriam deixar a seus participantes apenas lembranças de impulso generoso e ardor desinteressado. Nós éramos quarenta, muitos chegados à véspera, tendo acabado de largar o uniforme militar [...]. Estávamos diante uns dos outros com uma espécie de alegria espontânea que talvez nunca mais encontraremos. Nós cimentávamos [...] um belo bloco de amizade e dedicação.<sup>46</sup>

A Henri Berr, ainda naquele primeiro ano de atividades da instituição sob o controle francês, confessava:

Nós continuamos a ser a faculdade mais unida e mais ativa coletivamente que se possa ver; uma boa vontade, um desejo de colaboração unânime e jovem – muitas relações pessoais, visitas familiares e algumas vezes íntimas – de festas intelectuais... nada é mais reconfortante que a unanimidade intelectual que se

<sup>44</sup> Georges Lefebvre ingressou na Universidade mais tarde, em 1928. Tomamos o conceito de "geração" tal qual Jean-François Sirinelli definiu. Não como uma amarra temporal específica e fechada, mas enquanto um grupo que representa uma comunhão de pensamentos e atos que os distanciam de outro anteriormente postado. Mais do que uma "engrenagem do tempo", trata-se da imposição de uma nova sociabilidade. SIRINELLI, Jean-François. *Génération intellectuelle: Khâgneux et normaliens dans l'entre-deux-guerres*. Paris: Fayard, 1988.

<sup>45</sup> Febvre a Henri Pirenne (várias vezes convidado a participar das reuniões de sábado): "Aqui, em Estrasburgo, colaboramos assim, todas as semanas, professores de todas as disciplinas literárias, sem que perguntem nossas especialidades". BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance... Op. cit.*, t. 3.<sup>er</sup>, p. XX.

<sup>46</sup> FEBVRE, Lucien. *Apud: MÜLLER, Bertrand. Introduction*. In: BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance... Op. cit.*, t. 1.<sup>er</sup>, p. XIX.



manifesta aqui. Existe um sentimento de solidariedade, de união, de troca que não podemos ter no mesmo grau em lugar algum.<sup>47</sup>

O ambiente, aberto à inovação, era também intensamente colaborativo, graças à congruência de pensamento entre os profissionais. A inauguração da Universidade de Estrasburgo acompanhava uma importante reformulação nas humanidades francesas. Após a Grande Guerra parecia prevalecer mais colaboração e menos disputas entre história e as ciências sociais. Era o fim do embate Simiand *versus* Monod.<sup>48</sup>

Isso parecia estar associado a Estrasburgo, pois tal frescor só seria possível longe da fechada Paris universitária, cujas cadeiras estavam ocupadas por professores que, no limite, representavam uma geração anterior. E o momento era propício para estar perto do Reno: a universidade contava com recursos financeiros excepcionais.<sup>49</sup> Iniciativas como publicações, viagens a congressos, organização de colóquios e aquilo mais que estivesse ligado ao mundo acadêmico não encontravam tantas barreiras como em outros lugares. A instituição, lembremos, teria que servir como um modelo da generosidade francesa para com seus concidadãos. Marc Bloch publicaria o seu *Les Rois Thaumaturgues* (1924) com recursos da universidade, Maurice Halbwachs, a célebre obra *Les Cadres Sociaux de la Mémoire Collective* (1925) e Lucien Febvre, seu livro sobre Lutero (*Un Destin. Martin Luter*, 1928).

A positividade da atmosfera duraria até a metade da década de 1920. A partir de então, com a região mais estabelecida em território francês, os recursos começavam a escassear. Professores partiam para Paris, a ocupar cargos nas grandes universidades. Logo haveria uma “mudança de clima”, e o entusiasmo dava lugar a um incômodo pelo afastamento do centro. O próprio Pfister comentava em 1925 que os melhores estavam de saída, e o jeito seria mesmo resignar-se e buscar um espaço na Sorbonne.<sup>50</sup>

## Considerações finais

Fica evidente que a experiência alsaciana foi muito profícua para a dupla de historiadores. Assumir cadeiras universitárias ali foi uma certa movimentação na estratégia profissional de ambos.<sup>51</sup> Lucien Febvre, após fracassar em suceder Seignobos na Sorbonne assume a posição em Estrasburgo, consolidando o que Noiriel chamava de “a arte do compromisso”, aquela de “saber até onde é possível ir sem sair dos limites da liberdade

<sup>47</sup> Carta de Febvre a Berr, 1920. In: BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance... Op. cit.*, t. 1.<sup>er</sup>, p. XIX. Tradução nossa.

<sup>48</sup> Famosa controvérsia entre o sociólogo e o historiador no início do século XX, no qual o primeiro denunciou os “ídolos” dos historiadores que invalidariam o conhecimento histórico produzido naquele momento, iniciando um debate sobre as fronteiras e a legitimidade das disciplinas.

<sup>49</sup> MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et... *Op. cit.*, p. XIX.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. XXI.

<sup>51</sup> AVELAR, Alexandre de Sá, LOPES, Marcos Antonio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. *Cultura História & Patrimônio*, v. 1, n. 1, 2012.



vigiada que a comunidade concede a cada um de seus membros”.<sup>52</sup> Bloch, mais jovem, daria ali os primeiros passos de sua carreira acadêmica. Dali tiveram condições de consolidar suas ideias e posições e, cada um a seu momento, ocupar importantes cadeiras em Paris, onde ainda prevalecia a hegemonia científica. Se Marc Bloch teve uma curta experiência parisiense, interrompida pela guerra, Lucien Febvre conseguiu estabelecer relações que lhe permitiram, ao fim do conflito mundial, criar uma instituição universitária (a VI seção da Escola Prática de Altos Estudos, a partir de 1947).<sup>53</sup>

Poderíamos ainda dizer que Lucien Febvre, com seus estudos sobre o Franco-condado (a sua “verdadeira pátria”, como ele mesmo diz em *Combates pela história*), teria feito uma espécie de história regional, motivo pelo qual a sua figura é bastante celebrada naquele espaço.<sup>54</sup> A noção de região de sua tese sobre Felipe II é bastante ligada à geografia e, portanto, distante daquela que pretendemos estabelecer nesse artigo. Por outro lado, essa produção está diretamente associada aos usos da memória de Febvre no Franco-condado, a partir de nomes de ruas, avenidas, bibliotecas, centros de pesquisa e outros lugares de memória.<sup>55</sup>

Mas, retornemos a Estrasburgo e todo o debate recente que incide sobre o regional. Caso se aceite que a região apresenta simultaneamente características universais e particulares,<sup>56</sup> temos na posição e nos usos políticos da Universidade alsaciana elementos que comprovam a ideia: a pretensão é a de que a partir dela incidam sobre os (novos) cidadãos os valores nacionais mais significativos, encarnados nos ideais da ciência que, ali, encontra importantes vias de renovação.

É claro que esse projeto encontrou seus limites na prática. Dentro do próprio ambiente universitário, o curso de medicina manteve as bases instituídas pela experiência germânica. A ruptura se deu, sobretudo, na Faculdade de Letras, onde a dupla fundadora dos *Annales* atuava. Ao longo do tempo, aquele aporte financeiro tão promissor mostrou-se menos generoso do que o que se esperava e, ao fim e ao cabo, a integração regional da universidade não parece ter visto a sua completude.

Outro aparente paradoxo merece destaque. Foi justamente no seio de um projeto de valorização do nacional, amplamente apoiado pelos metódicos, que se reuniram as condições para que se produzisse uma história bastante crítica a esse apego nacionalista. Beneficiados pelas condições materiais, pela autonomia e diálogos interdisciplinares de um projeto político organizado pelo Estado, Bloch e Febvre eram partidários da cientificidade e internacionalização do debate, contrários precisamente a uma história submissa aos valores específicos de dada nacionalidade.

<sup>52</sup> AVELAR, Alexandre de Sá, LOPES, Marcos Antonio. Recordar Lucien Febvre... *Op. cit.*, p.14.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.13.

<sup>54</sup> GUIMARÃES, Thaís França Guimarães. *Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ).

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 89-90.

<sup>56</sup> RECKZIEGEL, Ana Luíza. História Regional... *Op. cit.*, p. 19.

E, de uma região. Bertrand Müller argumenta que, apesar de idealizada e criada em Estrasburgo, *Annales d`histoire économique et sociale* foi uma revista “voltada para Paris”.<sup>57</sup> A partir de 1925 Lucien Febvre inicia seus esforços para assumir uma cadeira na capital, passo que Marc Bloch começou a dar no ano de 1928. Em 1933 o primeiro faria a mudança, e o segundo em 1936. A Universidade perdia seu atrativo aos docentes que, gradativamente, iam deixando suas posições. Ao historiador, aquela pujança anunciada em 1919 logo foi substituída por uma posição da instituição como a “antecâmara da Sorbonne”. Aos poucos, ela tornava-se uma universidade “de interior” como outras. Se Estrasburgo potencializava a ambição pela novidade, ela só se concretizaria em Paris. Parecia, então, destinada a ser lugar de emergência de projetos científicos mais ambiciosos do que ela poderia dar vazão.

Ainda assim, é inegável que aquele curto período criou condições para que Bloch e Febvre realizassem a sua grande empreitada. Aquele “clima” combativo de estabelecer a Alsácia como região francesa – e o peso que a Universidade de Estrasburgo teve nisso – parece ter espelhado nos *Annales*. Em ambos os casos, as ações eram entremeadas pelo jogo de poder, pela busca de afirmação de identidades, lutas por representatividade e um esforço de apropriação subjetiva em torno de um novo discurso. A revista buscava apresentar uma “nova” história, da mesma forma que aquela universidade que alocava seus editores era o símbolo de uma novidade político-administrativa. Poderíamos dizer, nesse sentido, dizer que *Annales* se apresentava como uma “nova região” para a disciplina histórica.

---

<sup>57</sup> MÜLLER, Bertrand. L'Université de Strasbourg... *Op. cit.*, s./p.

## Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados (MS), v. 10, n. 17, p. 55-67, jan.-jun. 2008.
- AVELAR, Alexandre de Sá, LOPES, Marcos Antonio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. *Cultura História & Patrimônio*, v. 1, n. 1, 2012.
- BÉMONT, Charles; PFISTER, Christian. À nos lecteurs. *Revue Historique*, n. 44, 1919. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k182250/f5.image.r=>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- BLOCH, Marc. *Écrire La Société Féodale*. Lettres à Henri Berr, 1924-1943. Paris: Institut Mémoires de l'édition contemporaine, 1992.
- BLOCH, Marc. *Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre*. Paris: Allia, 2007.
- BLOCH, Marc. Sur les programmes d'histoire dans l'enseignement secondaire. *Bulletin de la Société des professeurs d'histoire et de géographie de l'enseignement public*, p. 15-17, janvier 1921. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5514004c/f1.image.r=marc%20bloch>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance*. Tome 1.<sup>er</sup> : La naissance des Annales, 1929-1933. Paris: Fayard, 1994.
- BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. *Correspondance*. Tome 3.<sup>er</sup>: De Strasbourg a Paris: 1934-1937. Paris: Fayard, 1997.
- BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. Le Problème De L'Agrégation. *Annales d'histoire économique et sociale*, t. 9, n. 44, p. 115-129, 1937.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas: da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa: Europa-América, 2012.
- CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges. *Au berceau des "Annales"*. Le milieu strasbourgeois. L'Histoire en France au début du XX<sup>e</sup> siècle. Toulouse: Presses de l'Institute d'études politiques de Toulouse, 1983.
- DÉLACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As Correntes Históricas na França: século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012.
- FEBVRE, Lucien. Da la revue de Synthèse aux Annales. Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l'histoire. *Annales – économies, sociétés, civilisations*, v. 7, n. 3, p. 289-292, 1952. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1952\\_num\\_7\\_3\\_2076](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1952_num_7_3_2076). Acesso em: 14 jul. 2020.
- FEBVRE, Lucien. L'Histoire dans le monde em ruines. *Revue de Synthèse Historique*, t. 30, p. 1-15, 1920. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire\\_dans\\_le\\_monde\\_en\\_ruines#](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire_dans_le_monde_en_ruines#). Acesso em: 12 ago. 2020.
- FEBVRE, Lucien. Marc Bloch et Strasbourg. Souvenirs d'une grande histoire. *Mémorial des années 1939-1945*. Strasbourg: Publications de la Faculté des Lettres, 1947.

- FRANÇOIS-LOUIS, Ganshof. Marc Bloch. Rois et Serfs. Un chapitre d'histoire capétienne. [compte-rendu]. *Revue belge de Philologie et Histoire*, v. 1, n. 4, p. 758-763, 1922. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/rbph\\_0035-0818\\_1922\\_num\\_1\\_4\\_6206\\_t1\\_0758\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1922_num_1_4_6206_t1_0758_0000_3). Acesso em: 19 jul. 2020.
- GUIMARÃES, Thaís França Guimarães. *Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ).
- LEUILLIOT Paul. Lucien Febvre à Strasbourg. *Annales. Economies, sociétés, civilisations*, 13<sup>e</sup> année, n. 2, p. 209-213, 1958. Disponível em: [www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1958\\_num\\_13\\_2\\_2727](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1958_num_13_2_2727). Acesso em: 3 fev.2020.
- MÜLLER, Bertrand. L'Université de Strasbourg dans l'immédiat après-guerre (1919-1925). *Revue d'histoire des sciences humaines*, n. 33, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rhsh/1132>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- MÜLLER, Bertrand. Lucien Febvre et Henri Berr: de la synthèse à l'histoire-problème. In: BIARD, Agnès (Org.). *Henri Berr et la culture du XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Albin Michel, 1997.
- RECKZIEGEL, Ana Luíza. História Regional: dimensões teórico-conceituais. *História: debates e tendências*, Passo Fundo (PR), v. 1, n. 1, p. 15-22, jun. 1994.
- RENAN, Ernst. O que é uma nação? In: ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em questão*, Caderno da Pós/Letras UERJ, Rio de Janeiro, n. 19, p. 12-43, 1997.
- SÉE, Henri. Marc Bloch. Rois et serfs [compte-rendu]. *Annales de Bretagne*, v. 35, n. 2, p. 316-319, 1921. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/abpo\\_0003-391x\\_1921\\_num\\_35\\_2\\_4267\\_t1\\_0316\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/abpo_0003-391x_1921_num_35_2_4267_t1_0316_0000_3). Acesso em: 19 jul. 2020.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; TORRES Andréa Reis Ferreira. "Do método comparativo em história", de Henri Pirenne. *História da historiografia International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 8, n. 17, p. 297-307, 2015.
- SIRINELLI, Jean-François. *Génération intellectuelle: Khâgneux et normaliens dans l'entre-deux-guerres*. Paris: Fayard, 1988.